

Educação, trabalho e subjetividade: uma relação aos moldes capitalistas

Noélia Nunes da Silva

Secretaria de Educação de Alagoas - Seduc-AL

Doutora em Ciências Sociais pela Universidade Federal de Campina Grande -PB - UFCG-PB

profanoelinunes@gmail.com

Resumo: Este trabalho pretende refletir sobre uma estratégia presente atualmente no universo do Capital, que é focar cada vez mais intensamente no indivíduo, mais precisamente em sua dimensão psíquica / subjetiva moldando-a aos seus interesses, na medida em que se cria também para o indivíduo e sociedade civil a ideia ou a crença de que as escolhas, os projetos/opções dos caminhos profissionais e aumento do tempo dentro de instituições educacionais se deve unicamente aos esforços e interesses individuais, e portanto, ao mérito. Nossa tarefa aqui é tornar lúcida a presença do grande aparato ideológico presente no Capital, que para além de objetivo, moderno e prático se utiliza também de mecanismos sensoriais e subjetivos, que modelam as mentes, suas intenções e os esforços individuais que servirão ao desenvolvimento da nação.

Palavras-chave: Educação. Capital. Subjetividade.

Ponderações iniciais

Não é novidade que o Capitalismo, enquanto modelo econômico, desde sua gênese ou processo de desenvolvimento, sempre se utilizou do âmbito ou esfera individual como foco de intervenção dentro de sua engrenagem para desenvolver um sistema que funcionasse por mecanismos plásticos e flexíveis, diferentemente do seu modelo anterior, o Feudalismo. É só lembrar da pirâmide das representações das posições econômicas onde os pontos de localização dos sujeitos eram imperativamente sociais. Sendo assim, é bom lembrar que a sobrevivência, a força da existência material e subjetiva tinha um *locus* comum, a própria coletividade.

Um sujeito ou um indivíduo, noção que conhecemos hoje, era responsabilidade do seu lugar de origem. Sobrevivência era um dos sentidos para a noção de família, Elias (1994). A partir daí, já começamos a perceber o quanto o âmbito econômico tem de ideológico, pois norteia, disciplina e orienta as relações sociais, estabelecendo um modelo legítimo para a manutenção da existência material dos sujeitos.

À medida que as formas de produção vão sendo substituídas por outras mais modernas e eficientes no que diz respeito a produtividade, ocorre também, paulatinamente, a substituição ideológica no sentido de que, se antes a posição social determinava a condição

econômica dos sujeitos, agora esSa responsabilidade vai recaindo inteiramente sobre os indivíduos.

É gestada a ideia de que um indivíduo é o responsável por sua sobrevivência, e mais que isso, ele será o responsável por seu sucesso ou fracasso, Elias (1994).

Dentro da engrenagem capitalista, a ideia de competição é instalada como um mecanismo que mantém os sujeitos em atividade e produtivos. Isso favorece a dinâmica do sistema, pois quanto mais os indivíduos mobilizam energia vital realizadora, produzindo ideias, transformando a natureza, vendendo sua força de trabalho com vistas a algum tipo de compensação, mais a lucratividade e poderio do Capital se estabelece.

Curiosamente, é atualíssimo que além da noção de mérito ser instalada nas mentes e práticas sociais, as escolhas e intenções são igualmente instaladas de fora para dentro dos atores sociais, mas isso passa quase imperceptível, já que os indivíduos vêm como suas as escolhas que fazem, o tempo que dedicam em formação profissional, o próprio interesse dedicado em alguma área do conhecimento *etc.*

Na verdade, o Capitalismo precisa de profissionais bem especializados, o que indica mais tempo de dedicação e mais anos na escola. Se faz necessário também profissionais de diversas áreas, o que indica o investimento em estratégias para chamar candidatos que queiram “progredir” na carreira que surge como “a profissão do momento” e assim por diante.

A posição individual substituiu a posição social valorizada no passado. O “ter” e o “ser” pautam agora a representação do indivíduo que, por assim dizer, “solto” e “suspenso” dentro da sociedade contemporânea, (Elias, 1994), agora tem como prioridade: destacar-se dentro do mercado para ser reconhecido dentro do sistema capitalista e mesmo, por seu próprio círculo familiar, dentro do qual já não há qualquer responsabilidade obrigatória sobre ele, pois o âmbito econômico passou a nortear as relações sociais, a forma como vemos os outros, as classificações, os estereótipos e estigmas produzidos, separando os profissionais de sucesso e aqueles que se conformam com pouco, os chamados medíocres.

Dentro dessa lógica, onde os indivíduos, na verdade, são “levados” ou “arrastados” pelo que Durkheim denomina “corrente social”, notamos a ação da estrutura, mais especificamente, a econômica, agindo sobre os sujeitos, o que nos possibilita pensar sobre a força impessoal, subjetiva e sensorial emitida pelo sistema capitalista em vários cenários históricos.

Se antes a única necessidade era a sobrevivência através do “comer”, a garantia do estar vivo e lutar por isso, aos poucos, a noção de sobrevivência passou a se confundir com

“encaixar-se” às necessidades criadas pelo mercado, que conquistou potencialmente a capacidade da captura das sensações, sentidos e percepções internas do indivíduo. Alcançar essa dimensão interna individual deu ao Capital um poder diferenciado e decisivo para manter-se como modelo econômico.

Sociólogos da educação, como Juarez Dayrell (1996), afirmam que o trabalho é um ambiente de socialização. Escrevendo sobre as “juventudes”, o autor traz alguns elementos para pensarmos sobre o quanto a construção de identidades, de modelação dos sujeitos ganha peso na contemporaneidade. De modo que os indivíduos não escolhem mais por si mesmos, pois nesse cenário suas racionalidades são suprimidas pela racionalidade do capital que se impõe enquanto estrutura social a ser incorporada pelos sujeitos. Economia, cultura e subjetividade, nessa perspectiva, formam uma tríade inseparável na contemporaneidade, pois tem conectado às necessidades básicas de existência material à existência espiritual dos sujeitos.

Ademais, não afirmamos aqui que em época anterior à urbanização, industrialização e modernização da vida as escolhas profissionais partiam legitimamente e puramente dos próprios indivíduos. Isso seria negar a noção de que esses são constructos sociais e que a cultura intervém nas visões de mundo, que influencia as escolhas de vida, os projetos de futuro e toda a história da vida humana.

Antes, por meio desta discussão, defendemos que tal modelação pela via econômica se dá agora de forma estratégica e intencional, rumo à dimensão sensorial humana, produzindo no indivíduo as sensações de fracasso ou sucesso, de encaixe ou não em um modelo econômico que reverencia o sucesso, a acumulação, a lucratividade e coloca os indivíduos em uma posição em que o sucesso ou o fracasso se torna mais evidente em relação a outras questões que perpassam o ser.

Isso porque os indivíduos passam a ser vistos primordialmente por sua ocupação/profissão, por terem-se tornado bem sucedidos e não por seus afetos e características individuais. Ter prestígio profissional e, principalmente, acumular bens se configura em “poder” na sociedade contemporânea.

A escola, nesse cenário, tem funcionado, atualmente, como mediadora entre os indivíduos e o mercado, e mesmo como um instrumento do Capital.

O objetivo da escola

Utilizando lentes sociológicas, podemos questionar qual o papel e função da educação para a sociedade. Na reflexão de Durkheim (2013), a educação serve para inserir o homem na própria sociedade. Nesse sentido, cabe dizer que as preocupações morais estão presentes, no sentido de que a educação teria um papel formador do sujeito, que se tornaria o reflexo do tipo ideal de homem que o modelo vigente de sociedade projeta ou formula. Cabe dizer, segundo a visão Durkheimiana, que ao incorporar as regras, o comportamento aceitável transmitido pelos adultos, os indivíduos, nos termos do autor, “imatuross”, adquirem o “espírito social”, tornando-os aptos à convivência social.

Um ponto que nos chama a atenção nessa reflexão sobre a incorporação de um modelo educacional é a ideia de que existe algo que atrai o homem à regra, à sua funcionalidade, como se a própria sociedade a incorporasse por via racional.

A regra, portanto, é geral, está presente nas sociedades, norteador o comportamento expresso entre o que é permitido ou proibido, expressando ainda noções de bem e de mal, emancipadas da esfera religiosa. É também um mecanismo utilizado socialmente para transformar um ser egoístico em um ser social. Ocorre, portanto, um movimento que vem da dimensão exterior ao indivíduo e que é internalizado por ele. O indivíduo internaliza, portanto, a sociedade, pela via da educação. Nessa perspectiva, a disciplina, na concepção Durkheimiana, é um fato social, uma coisa, de onde emana a regra, recebida pelos sujeitos ora de forma receptiva ou resistente, comportamentos que inquietam Durkheim. Porém, sabemos que a disciplina para a sociedade tem a função de integrá-la.

Nessa linha, que tipo de sociedade é a sociedade contemporânea e que tipo/modelo de indivíduo ela busca criar?

No tópico anterior citamos a predominância da autonomia que o indivíduo sofre de um tipo de sociedade para outra, isto é, da sociedade feudal para a capitalista, pontuando aqui que a esfera econômica também influencia na esfera cultural, e, portanto, na formação das personalidades. Nas sociedades modernas, industrializadas e capitalistas, como são chamadas, a educação escolar tem se tornado uma forte aliada no projeto de sociedade vigente e que busca cada vez mais intensamente expandir a lucratividade. Nesse sentido, é preciso não ensinar, mas “treinar” os educandos para o mercado, sobretudo, a desenvolver as habilidades necessárias para a manutenção do capital e o desenvolvimento do país.

Ter autonomia na sociedade atual torna-se uma questão de sobrevivência, já que existe o imperativo da independência como cobrança que vem desde a família até a escola. Sobretudo, a ideia de educação nos dias atuais passa a ligar-se também ao mercado de trabalho,

e não a questões humanas, onde se busca pensar sobre o próprio indivíduo, entender suas particularidades frente ao social construído e que constrói ao vivenciar os processos sociais.

Como recupera Saviani (2008), especificamente no Brasil, observamos uma luta histórica pela manutenção das disciplinas como Sociologia e Filosofia da área das humanidades, que são consideradas como menos importantes em relação a outras disciplinas. A formação de um pensamento crítico tem sido historicamente ameaçada. Em um mundo onde se valoriza apenas resultados, o entendimento do homem sobre si mesmo, sua trajetória, onde perpassam processos e escolhas, torna-se comprometido.

Uma visão “romantizada” de independência e autonomia são construídas nessa nova ordem social, a ordem capitalística, que é vista como meta e projeto de vida, ao passo que se constrói também uma dificuldade de interação social, pois o homem encontra-se agora encapsulado em si pela busca desenfreada de atingir suas metas (a fim de tornar-se “digno” em sociedade pelo “reconhecimento”) e as do Capital, que utiliza o homem como mercadoria para ascender cada vez mais.

Quando pontuamos a existência de uma dificuldade interacional, nos referimos ao comportamento de indiferença entre os indivíduos nas sociedades urbanizadas, modernas, industrializadas, a construção do *Caráter Blasé*, pontuado por Simmel (2005). Esse comportamento de indiferença que, aparentemente, denota “egoísmo” e insensibilidade, na verdade tem como base e origem a sensibilidade e limite emocional dos indivíduos que lhes expressam.

A socialização em uma sociedade capitalista requer o lidar com diversos estímulos de forma simultânea, como também a resolução de altas demandas no mundo do trabalho que resultam em uma maior facilidade para o esgotamento mental. Assim, resta pouco tempo e disposição para que os indivíduos desenvolvam em maior grau suas interações sociais.

O homem agora torna-se um sujeito cujas estruturas mentais se constroem e se inclinam para o si, porém, este “si” funde-se às vontades do Capital, pois não há uma separação subjetiva, embora o sujeito considere ou mesmo acredite ter as rédeas de seu próprio destino.

Nessa linha, a escola atual tem sido pensada primordialmente para o mundo do trabalho, uma ponte indissociável entre educação e mercado, de modo que os sujeitos, de modo automático, não conseguem enxergar separadamente as duas esferas, pois a primeira torna-se ponte para a segunda.

Queremos problematizar aqui esta funcionalidade que tem sido construída para a educação escolar, que acaba descredibilizando o senso crítico e os componentes curriculares

que possuem a finalidade para o seu desenvolvimento, o que gera sujeitos que agem apenas de modo mecânico, sem consciência de suas escolhas. Sem a consciência que lhes falta consciência em relação a elas. É urgente recuperar e debater qual(is) o(s) objetivo(s) da educação escolar.

Nessa discussão, podemos incluir também a reflexão de Bourdieu (2007), que pontua a escola como espaço para a manutenção das desigualdades. A condição econômica e o mérito favorecem o desempenho escolar, a permanência na escola e a conquista de prêmios e ainda, um lugar privilegiado dentro do mercado. Há uma cobrança aos sujeitos, pela escola, por um bom rendimento. Porém, são desconsideradas as causas que influenciam os resultados escolares negativos, como também a evasão escolar, e, portanto, intervenções de nivelamento, em geral, não são pensadas.

Falando especificamente das juventudes, Dayrell (1996) pontua que é preciso considerar o “jovem” que há no “aluno”, as dimensões culturais e econômicas dentro das quais está inserido e que podem interferir para o seu sucesso ou fracasso escolar. Estendemos essa reflexão aos sujeitos em qualquer idade escolar visto que estão sob a mesma ordem/conjuntura social.

Costumamos atribuir aos próprios indivíduos, os resultados de seu desempenho. O mesmo acontece com os que se considera ter “bom” ou “mau” comportamento, sem considerar as causas. Nessa perspectiva, uma educação escolar que olhe e observe os sujeitos para intervir e mesmos buscar estratégias de nivelamento é ausente. Seguindo a tendência geradas pelo Capital, os indivíduos estão sozinhos com seus dilemas e dificuldades particulares. Eles precisam se esforçar em maior grau, como um ato de resistência, caso intencionem chegar em qualquer patamar, como se devessem remar contra a maré. A conjuntura do Capital seleciona os sujeitos, como veremos mais adiante.

Estratégias ideológicas de intervenção do Capital dentro da escola

A escola nem sempre foi um lugar para todos. Sua origem, conforme recupera Saviani *apud* Duarte (2008), remonta o fim da sociedade comunal ou comunismo primitivo, como conhecemos. Como resultado da apropriação de terras, o homem foi dividido em classes, a dos dominantes e a dos dominados. Os últimos precisavam sobreviver, e por isso se sujeitaram a manejar as terras daqueles que passaram a ser proprietários e senhores de mando. Nesse cenário, a escola surge para atender aos filhos dos proprietários, que estavam em ócio. Por isso,

também significou, inicialmente, “lugar do ócio”, isto é, era o lugar frequentado por aqueles que tinham tempo, e não era o caso dos filhos dos trabalhadores manuais.

Para além disso, era um tipo de escola que dispensava um saber estritamente intelectual, científico, das letras, dispensando conteúdos práticos e manuais, pois esses seriam executados pelos filhos dos trabalhadores. Aqui vemos que o tipo de educação era dispensada de acordo com a origem/classe social dos indivíduos, estabelecendo uma separação de funções entre aqueles que desempenhariam o saber intelectual e os que deveriam se restringir ao saber manual.

O ensino primário passou a se dividir depois em escolas de formação geral para os filhos de dirigentes e as escolas de formação profissional, destinadas aos filhos de trabalhadores. Nesse momento da história, com a mudança nas relações de produção devido ao fim do feudalismo, onde se instala a divisão do trabalho, um dos objetivos da escola era evidenciar a divisão de classes. Posteriormente, firmou-se a escola politécnica, marcando o fim da separação de conteúdos teóricos e práticos, e dividindo o ensino em fundamental e médio. Após essa divisão, caberia então ao indivíduo fazer a escolha de especializar-se ou não por meio do ensino superior. Ao contrário da gênese escolar ocorrida com o fim do comunismo primitivo, na contemporaneidade temos a universalização do ensino. Cada vez mais é divulgada a visão de que a solução dos problemas sociais se encontra na educação. Duarte (2008) chama essa premissa ideológica do Capitalismo de ilusão, na medida em que esconde a estrutura geradora das desigualdades sociais e coloca nas mãos de cada indivíduo a responsabilidade de mudar de *status* social.

Pontuamos aqui a continuidade de uma estrutura econômica que desde a sua gênese cria e tem conservado as desigualdades sociais e econômicas, porém utilizando-se de uma nova roupagem, que se expressa justamente na ilusão de que o indivíduo, agente que aparece em cena por meio da figura do profissional competente como o único responsável por seu sucesso ou fracasso. Valores como disciplina, agilidade, comunicação, criatividade, autonomia e o desenvolvimento de projetos configuram-se como habilidades de uma educação empreendedora, que persegue metas e resultados, movida pela lógica da Teoria do Capital Humano (TCH), que tem se utilizado das instituições escolares como verdadeiros centros de treinamento onde as habilidades citadas são desenvolvidas.

Podemos identificar essa lógica na rede privada de ensino, mas também no ensino público com o surgimento de novos componentes curriculares como “Projetos de vida”, proposta da Base Nacional Comum Curricular (2008). Essa disciplina tem como objetivo

principal orientar os alunos a descobrir em si mesmos, seus potenciais profissionais para serem exercidos no futuro. Notem que o processo de autoconhecimento no qual se funda essa disciplina é uma estratégia para angariar bons profissionais. Os discentes, desde o ensino fundamental, são orientados a perseguir escolhas, que segundo a proposta da disciplina, são construídas e realizadas de forma direcionada. Esse mergulho do indivíduo na própria subjetividade faz parecer que o objetivo foco é o indivíduo, porém auxilia, na verdade, a localizá-los de forma eficaz dentro da engrenagem do capital, visando a melhor produtividade a partir da criação e direcionamento dos profissionais “certos” para as profissões certas.

Uma outra estratégia também muito evidenciada é a longevidade escolar que atua aparentemente como a primeira, mas favorece ao sistema, uma vez que quanto maior o tempo de formação, profissionais mais especializados e úteis aos interesses econômicos se terá. Apesar disso, embora o ensino tenha se universalizado, seu alcance se torna deficiente se tomarmos como referência a comparação do público distribuído entre as escolas públicas e escolas privadas. Nas primeiras, no contexto brasileiro, de modo geral, é notável uma ausência de estrutura expressa pela carência de profissionais e má distribuição de alunos nas salas, isto é, a existência de salas de aula superlotadas, falta de climatização, considerando especialmente as cidades que costumam ter a temperatura elevada. A ausência de estrutura influencia no desempenho escolar, mesmo diante da presença de profissionais de excelência, mas que costumam ser também afetados pela estrutura e más condições de trabalho. Uma precarização da realidade escolar pública está instalada. Há uma distância entre o acesso ao ensino, que se torna universal, de fato, e uma problemática estrutural para a assimilação de conteúdos.

A precarização do ensino público, tanto ideológica quanto estrutural, favorece e mesmo escolhe os profissionais que serão melhor alocados dentro do mercado. Nessa perspectiva, teoricamente trata-se da dispensação do ensino, mas na prática, não do mesmo ensino ou da mesma qualidade do ensino. A estrutura escolhe, de forma geral, os bons profissionais, e mesmo os cria em cenários propícios. Profissionais forjados dentro uma lógica que exalta os resultados, o atingir de metas que deverão ser perseguidas por cada um dos que se encontram na corrida por reconhecimento e premiação.

Da relação entre trabalho e educação: alguns apontamentos

Quando discutimos educação, é preciso, antes de tudo, desnaturalizar que a mesma se resume ao mundo do trabalho na modalidade capitalista. Segundo Marx (1980), o trabalho é

a relação do homem com a natureza, de onde emana toda a transformação racional exterior intencionada, como também interior, subjetiva, no sentido identitário. Isso quer dizer que, durante o processo em que o homem mobiliza sua energia vital realizadora, o mesmo também vai se transformando ou se aperfeiçoando simultaneamente à obra material e visível que realiza. Essa, chamamos a atenção, é uma exteriorização e expressão criativa do próprio agente realizador, o homem. Isso quer dizer que o resultado da produção carrega o seu produtor, como também no produtor está a obra presente. Nessa relação evidenciada há uma valorização do fator humano, de sua subjetividade, de sua capacidade criativa, tornada visível por Marx.

Oliveira (2010) discute o que classifica como concepção “positiva e negativa” do trabalho. A primeira concepção, a “positiva”, exalta justamente essa visibilidade e participação humana, isto é, o seu principal agente. Na outra via, e em contraste, tem-se a concepção “negativa” do trabalho, curiosamente a que o próprio capital conseguiu implantar como única existente ou como aquela possível de enxergar. Nessa concepção, não se consegue enxergar o produtor. Como exemplo disso, costumamos exaltar no cotidiano os pratos de algum restaurante ou mesmo, o ensino de qualidade de alguma escola que “aprovou” muitos no vestibular. É possível observar que os indivíduos que produziram energias vitais realizadoras, seja por meio de trabalho “material” ou “imaterial” não aparece no processo. A recolha de méritos se dá muito mais pela empresa do que pelo agente responsável pela fabricação do produto subjetivo ou objetivo.

Nisso está o problema também educativo. Quando tratamos do tema do trabalho, estamos também falando de educação, pois o primeiro é fator de socialização, de formação humana, da própria cultura. Modelos de comportamento, visões de mundo são produzidas pela nossa relação interventora com o mundo, da mesma forma que também os indivíduos entre si são influenciados mediante as produções já existentes.

Constantemente o homem elabora conteúdos e reelabora o conteúdo já existente. Essa reflexão serve para retirarmos das mãos do sistema capitalista o monopólio da noção de trabalho. Cabe aqui recuperar a visão humana do trabalho e da educação, que nada mais é do que existencial e não artificial, (produto do Capitalismo). A educação não apenas se conecta a emprego, pois é criação, é subjetivismo. Trata-se em um sentido mais amplo, falar sobre a noção de “eu”. Apropriar-se da noção de trabalho, arrastando-a junto a noção de educação tem sido uma entre tantas estratégias do Capitalismo presentes na contemporaneidade, que acaba lançando os atores sociais a girarem suas vidas somente em torno do ter (acumular bens e riquezas) ou do ser (promessa de reconhecimento).

Nessa linha de ação, o trabalho e a educação tornam-se apenas mercadorias dentro da engrenagem capitalista e parece já não ser possível uma educação pela educação, pela formação humana, pelo entendimento do próprio eu ou por uma produção do conhecimento que faça os indivíduos se enxergarem dentro dela. Eles são arrebatados todos os dias pelas correntes ideológicas capitalistas, de modo que a identidade passou a estar ligada predominantemente à posição social, pela ocupação trabalhista remunerada, norteadas as relações, onde a dimensão econômica passou a ser senão a única, mas a principal referência dos indivíduos.

Como discutimos neste texto, a educação, desde a sua gênese esteve ligada à divisão de classes, à dimensão econômica. Historicamente, os objetivos do capital não só foram mantidos, mas aperfeiçoados a partir do investimento, por assim dizer, ideológico. Se antes as classes eram separadas e os indivíduos tinham consciência disso, agora, independente de classe espalha-se a ilusão de que é responsabilidade apenas do indivíduo acumular e mudar seu *status* social. Cria-se a ilusão do auto-heroísmo, que passa a condicionar e ditar as relações sociais e a sobrevivência.

A situação dos vínculos e das subjetividades dentro da conjuntura capitalista

Se refletirmos pelas lentes de Simmel (2005), veremos que com a urbanização, a experiência sensorial e afetiva dos indivíduos se altera, se expressando no declínio da profundidade dos vínculos, na medida em que o sistema capitalista progride, o que confere uma relação inversamente proporcional entre vínculos e acumulação pelo sistema capitalista. Nessa situação, os indivíduos vão sendo estimulados pelo cálculo, e não pela qualidade das coisas. Caminhar na via contrária, ou simplesmente não aderir aos novos eventos que sugerem o progresso financeiro, inclina os indivíduos a viverem excluídos simbolicamente/culturalmente, pois a valorização agora é do “quanto”. O pertencer a sociedade atual sugere uma priorização dos afetos, que devem estar ligados ao próprio indivíduo na corrida pelo progresso, enquanto ocorre o seu encapsulamento em relação a outros indivíduos (Elias, 1994), pois agora esses são responsáveis por si mesmos.

Nas sociedades capitalistas, o principal elemento nas relações é a competitividade, pois existe a concorrência. Bens e *status* são conquistados, em maior medida pelo mérito. O bom rendimento de um indivíduo pode ser convertido em lucro ao sistema, por isso é tão importante o estímulo para a busca do progresso. O Capitalismo é um modelo econômico pautado em um sistema poderoso que possui os elementos de que precisa para a sua efetividade,

inclusive a monopolização do sujeito e de sua subjetividade, centrada em larga medida nele. Com isso são impactadas as relações, os afetos e também a percepção do indivíduo sobre si mesmo e sobre o outro.

A ausência de tempo pauta as relações, pois na chamada sociedade da informação tudo se dá de modo imediato, oferecendo, desse modo, pouco tempo para o desenvolvimento dos vínculos, gerando um conhecimento raso e minimamente elaborado na experiência relacional. Estamos chamando a atenção para o fato de que as relações humanas possuem uma relação inversa com a abertura do sistema capitalista para o desenvolvimento dos vínculos humanos no quesito “profundidade”, por prezar pela valorização quantitativa e não qualitativa, pelo imediatismo e não pela processualidade ou progressividade que se exige para que os sujeitos “acessem” uns aos outros.

Sigmund Bauman (2000) já observava que as relações são afetadas pelo sistema capitalista e cunhou de “sociedade líquida” um modelo de sociedade onde nada foi feito para ter durabilidade, pois como o líquido, escorre, e por isso, torna-se breve.

Refletimos que o processo de individualização na contemporaneidade embora receba esse nome possui uma conotação não egoística, mas pautada na construção do “caráter *Blasé*”, Simmel (2005), em que a ausência de recursos emocionais corrobora para a dificuldade do desenvolvimento dos vínculos.

Com ausência de “recursos emocionais” nos referimos à sobrecarga mental e a uma experiência imersa em uma alta quantidade de demandas que impedem sobremaneira o indivíduo de projetar-se para o outro, ficando presos em si mesmos pelo sistema e no que precisam dar conta.

Simmel (2005) denomina “aceleração da vida nervosa” o contexto em que se encontram os indivíduos nas sociedades modernas, que passam a aprender a lidar com vários estímulos ao mesmo tempo, se referindo a um outro tipo de socialização que perpassa a vida urbana. Através das lentes de Simmel, quando compara “a vida do espírito” em condições rurais *versus* urbana, podemos refletir que a saúde mental e também dos afetos passam a compor o arcabouço dos desdobramentos que o desenvolvimento e consolidação do sistema capitalista alterou, pois ao implantar a lógica do progresso individual para o progresso social, estimulou o indivíduo a tornar-se um ser que passa a utilizar sua capacidade máxima para se destacar, e ainda sobreviver mediante a exigência de metas e perseguição de resultados.

Nessa perspectiva, o indivíduo, por via desse outro formato de socialização, o que está presente na vida urbana, industrializada, moderna, por fim, capitalista, é modelado numa

lógica em que projeta para as suas relações um formato superficial por não conseguir aprofundar esta atividade.

Simmel pontua, nas entrelinhas, em seu ensaio “as grandes cidades e a vida do espírito” que por existir um limite mental, os indivíduos vão se fechando, dada a alta quantidade de demandas a que são submetidos.

O resultado desta nova modalidade “do” ser e “de” ser altera a dinâmica dos afetos, que são agora gerenciados por sujeitos que passam a ter em suas experiências a presença do estresse, da ansiedade e do nervosismo diário, o que leva aos seguintes questionamentos: “que tipo de vínculos são encontrados nas sociedades capitalistas?” será que existe uma margem em que a dimensão do “eu” possa escapar da influência do capital? e quais as estratégias utilizadas por aqueles que identificam a dinâmica contrária entre o cultivo dos afetos e o cultivo do progresso?

Certo é que temos um modelo educacional e dentre eles, o escolar, que se abriu em alta medida para o “treino” de sujeitos na corrida pelo progresso, que como já pontuamos diversas vezes neste trabalho, passa a ser a meta principal na contemporaneidade.

Considerações finais

Refletimos, à luz de Durkheim (2006), sobre o papel da educação na sociedade, onde ele ressalta a capacidade integrativa e modeladora da educação que age segundo um projeto de sociedade, integrando ou mesmo inserindo o homem nela.

Discutimos, também, acerca do papel do trabalho, que funciona como agente socializador dentro da estrutura social. Refletimos à luz de Marx, ao mostrar a relação entre homem e natureza, que o trabalho está imbricado ao homem de modo anterior ao desenvolvimento do capitalismo enquanto modelo econômico, e como ele se aplica ao mesmo permitindo o desenvolvimento de sua criatividade, desde a busca pela subsistência.

Numa assim chamada era do Capital, a educação tem sido utilizada como uma ferramenta “salvadora” dos problemas sociais, e mesmo salvadora dos indivíduos. Os problemas econômicos e políticos estruturais não aparecem como fator justificador das desigualdades.

O indivíduo, neste cenário torna-se ou é construído como o único responsável por seu sucesso ou fracasso, já que algumas habilidades como comunicação, agilidade, disciplina e

criatividade passam a ser vistas como imperativas e necessárias ao sucesso. O mais curioso é que este indivíduo atual é moldado a acreditar nisto.

Ancorado a isto, as relações sociais, como discutimos a partir de Elias (1994) são pautadas pela visão construída sobre este indivíduo, mais precisamente sobre como este se movimenta dentro da engrenagem, e principalmente se adquiriram sucesso ou fracasso. Isto significa que o desempenho do indivíduo dentro do mercado influenciará seu reconhecimento ou não reconhecimento dentro de suas relações sociais.

Apesar de o trabalho e a educação, de modo conceitual e experiencial, numa visão filosófica, permitirem aos sujeitos a compreensão dos sentidos atrelados às duas esferas, pontuamos neste texto, as novas configurações e sentidos que têm sido construídos para as duas esferas: inclinadas ao serviço do capital, e mesmo produzindo o individualismo, sujeitos em busca de metas, do progresso. Um objetivo construído pelo sistema capitalista moderno.

Os sujeitos, ao inclinarem-se e cumprirem os objetivos do capital, via processo de socialização e por mérito, adquirem status social, reconhecimento e o sentimento de pertencimento, enquanto aqueles que não conseguem por ausência de oportunidade (dentro de um sistema desigual) ou desinteresse (construído), levando em consideração a ótica bourdiesiana, são excluídos simbolicamente.

Ademais, discutimos o processo de afetação que tem norteado as relações humanas, a aflição do espírito dentro de uma época de valorização financeira, seguida de um desinteresse na construção de vínculos duráveis, uma vez que ao buscar o progresso financeiro resta pouco tempo para o investimento em relações, como também a indiferença é gerada, em razão da demanda na qual estão submetidos os atores sociais.

Referências

- BAUMAN, Zigmund. **A modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.
- BOURDIEU, Pierre. **A distinção: crítica social do julgamento**. São Paulo: EDUSP, 2007.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2018.
- DUARTE, Newton. **Sociedade do conhecimento ou sociedade das ilusões?** Quatro ensaios crítico-dialéticos em filosofia da educação. Campinas: Autores Associados, 2008.
- DAYRELL, J; A escola como espaço sociocultural. In: DAYRELL, J. (Org.) **Múltiplos olhares sobre educação e cultura**. Belo Horizonte: UFMG, 1996.

DURKHEIM, Émile. **Educação e sociologia**. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2013.

ELIAS, Norbert. **A sociedade dos indivíduos**. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Zahar, 1994.

ELIAS; SCOTSON, John L. **Os estabelecidos e os outsiders**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.

MARX, Karl. **O capital**: Crítica da economia política. Livro Primeiro: o processo de produção do capital. 5.ed. Tradução de Reginaldo Santana. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1980.

OLIVEIRA, Renato almeida de. A concepção de trabalho na filosofia do jovem Marx e suas implicações antropológicas. **Revista Kínesis**, vol. 2, n. 03, p. 72 –88, 2010.

SAVIANI, Dermeval. **Pedagogia histórico-crítica**: primeiras aproximações. 10. ed. rev. Campinas, SP: Autores associados, 2008.

SIMMEL, George. **As grandes cidades e a vida do espírito**. **Mana**, Rio de Janeiro, V. 11, n. 2, 2005.

Education, work and subjectivity: a relationship along capitalist lines

Abstract

This work aims to reflect on a strategy currently present in the universe of capital, which focuses increasingly more intensely on the individual, more precisely on their psychic/subjective dimension, shaping their interests, to the extent that it is also created for the individual and society. civil has the idea or belief that schools, professional career projects/options and increased time in educational institutions are due solely to individual efforts and interests, therefore, to merit. Our task here is to make clear the presence of the great ideological apparatus present in Capital, which in addition to being objective, modern and practical, also uses sensory and subjective mechanisms, which shape minds, their intentions and individual efforts that will serve the development of the world.nation.

Keywords: Education; Capital; subjectivity.

Recebido: 23 agosto 2025

Aprovado: 07 novembro 2025